

Arquivos e fontes, escrita e oralidade, infância e velhice: considerações acerca de um protocolo de pesquisa sobre um Grupo Escolar

Archives and sources, the written and the oral, childhood and elderliness:
an essay about a research protocol

Luzia Aparecida de SOUZA¹
Antonio Vicente Marafioti GARNICA²

Resumo

Este artigo baseia-se em estudo sobre as dinâmicas escolares de um Grupo Escolar do interior do estado de São Paulo, e sua intenção principal é tematizar aspectos relativos à metodologia de pesquisa, à possibilidade de protocolos alternativos de investigação, seus limitantes e potencialidades. Ao articular entrevistas, documentos escritos, fotografias, jornais escolares e documentos pessoais – criou-se um protocolo investigativo multifacetado do qual aqui são ressaltados, de modo específico, o trabalho com arquivos escolares e aspectos próprios ao uso da história oral. Particularmente, ao tratar da história oral, surge uma breve discussão em torno dos conceitos de infância e velhice.

Palavras-chave: Metodologia de Pesquisa. História Oral. Arquivos Escolares. Infância. Velhice.

Abstract

The starting point of this paper is a brief report of a specific research about a Brazilian institution called *Grupo Escolar*. Its main intention, however, lies in the discussion on some methodological procedures and some distinct scientific practices in Human Sciences. Authors make some remarks on the possibilities of alternative research protocols, its boundaries and potentialities, specially focusing the study of school archives and the use of Oral History approach. The discussion about Oral History brings to the scene two others important themes – childhood and elderliness.

Keywords: Research Methodology. Oral History. School Archives. Childhood. Elderliness.

-
- 1 Professora do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia e do Mestrado em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil. Endereço Profissional: UFMS, Caixa Postal 549, Departamento de Matemática, UFMS, CEP: 79070-900, Campo Grande/MS. Tel.: (67) 33457995. E-mail: <luzia.souza@ufms.br>.
 - 2 Professor do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru e dos Programas de Pós-graduação em Educação para a Ciência (UNESP-Bauru) e Educação Matemática (UNESP-Rio Claro), Endereço Profissional: UNESP-Bauru, Avenida Luiz E. C. Coube s/n, Departamento de Matemática. CEP: 17033-360, Bauru-SP. Telefone: (14) 31036086. E-mail: <vgarnica@fc.unesp.br>.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 22	n. 50	p. 763-784	set./dez. 2013
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

A intenção dos autores

Neste artigo, a apresentação e a fundamentação de um determinado protocolo de pesquisa, dentre outras intenções, têm como objetivo problematizar não apenas os procedimentos – alguns deles talvez alternativos – mobilizados para desenvolver um trabalho específico, mas a própria natureza da opção pela abordagem qualitativa de pesquisa.

O projeto *Trilhas para a construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar* (SOUZA, 2011), teve dois objetivos principais: a) constituir versões históricas sobre uma determinada instituição de ensino – o Grupo Escolar³ Eliazar Braga da cidade de Pederneiras (SP) – e as práticas de formação e atuação de seus antigos professores e estudantes, e b) analisar o processo que possibilitou constituir essas versões, posto que um dos princípios norteadores dessas ações defende que toda versão nasce de uma atribuição de significados que, como tal, está plantada num tempo e num espaço específicos.

O Grupo Escolar Eliazar Braga, cujas práticas buscamos compreender, foi o primeiro Grupo Escolar da cidade de Pederneiras, na região oeste do estado de São Paulo, e funcionou no período de 1920 a 1975, quando foi extinto⁴ junto com o restante dos Grupos. Na implementação da trama metodológica que gerenciou as intervenções feitas, decidimos envolver efetivamente a comunidade na qual a pesquisa desenvolveu-se, fundados em um segundo princípio: os sujeitos que narram, e ao narrar, constituem suas versões e permitem que constituamos as nossas, constituem a si próprios quando falam de si perante o outro. Não se tratava apenas de buscar depoentes para que o pesquisador pudesse constituir sua narrativa sobre uma instituição e seu contexto, mas de envolver efetivamente os depoentes nesse processo de constituir narrativas historiográficas e vê-los constituindo-se a si próprios assim como o pesquisador constituía-se como sujeito narrador quando coligia suas informações e formava sua versão dos seus dois *objetos* – a história da instituição e o processo que tornava possíveis as versões sobre a instituição.

Para o desenvolvimento do estudo foram estabelecidas algumas frentes de trabalho e firmadas parcerias. Dentre as frentes estabelecidas, destaca-se o trabalho de higienização, recuperação, estudo e divulgação do arquivo escolar; o resgate e

3 Um Grupo Escolar é uma instituição criada ao final do século XIX e implantada em todo país, a partir do Estado de São Paulo, como parte das estratégias republicanas para impor seus valores e distanciar-se do passado imperial³, já que a República não foi um projeto popular e que, portanto, a formação de almas era estratégia fundamental para disseminação de um *novo* ideário (SAVIANI, 2006a/b).

4 No antigo e imponente prédio hoje funciona uma escola de Ensino Fundamental administrada pela Secretaria Municipal de Educação.

mapeamento de jornais e fotografias escolares; a mobilização da comunidade local mediante os projetos de construção de uma narrativa histórica sobre o Grupo Escolar e de complementação do arquivo encontrado, o trabalho com história oral junto às crianças da Escola Municipal Eliazar Braga e a construção de fontes a partir de depoimentos orais de antigos professores, alunos e administradores do Grupo.

Uma primeira parceria foi firmada com o IC-GHOEM,⁵ e viabilizou o trabalho com o arquivo escolar, o resgate de fotografias e jornais e o trabalho com história oral junto às crianças da atual Escola Municipal Eliazar Braga. Outra parceria, a estabelecida com a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Pederneiras (SP), permitiu que todo o arquivo da instituição fosse retirado do porão onde se encontrava e transferido para uma sala específica na UNESP de Bauru. Dentre outros acordos, essa parceria estabeleceu que o acervo seria recuperado, estudado e devolvido ao município. A parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, com Rádios e Jornais locais e com os depoentes dessa investigação contribuiu para mobilizar a comunidade de modo a obter fontes complementares para a pesquisa.

Na sequência deste texto, discutimos o trabalho com o arquivo do antigo Grupo Escolar (ressaltando as discussões em torno da preservação e da *queima* de arquivos) e a mobilização da história oral (conceituada, aqui, como metodologia de investigação). A implementação da história oral, no entanto, faz surgir à cena a necessidade de tratar dois temas específicos: a velhice e a infância. Breves considerações sobre eles – em tópicos que chamamos de *recortes* – encerram o artigo.

O trabalho com arquivos escolares

Neves e Martins ressaltam que as fontes de pesquisa histórica colaboram para a *permanência* de memórias escolares, bem como para a valorização da cultura material da escola:

O trabalho referente às fontes de pesquisas escolares, assim como as motivações dos pesquisadores, que contribuem, posteriormente, para a organização desses acervos e sua divulgação, são importantes elementos para o diálogo entre a história e os sujeitos escolares, nos espaços de arranjo desses documentos (arquivos e/ou centros de documentação e memória, conforme o caso) e na própria escola. (2008, p. 38-39).

5 Grupo de Iniciação Científica vinculado ao GHOEM – Grupo de pesquisa *História Oral e Educação Matemática*.

Considerando o documento como resultado de articulações entre objetivos e propostas de organização, desenvolvimento de atividades previstas por organismos de documentação e suas relações com o meio externo, os autores afirmam que o envolvimento de pessoas da escola na organização de sua própria documentação gera uma percepção da escola como espaço cultural e a necessidade de torná-la mais conhecida, afastando algumas possibilidades de descaso no âmbito educacional e governamental, e ressaltam a importância da construção de arquivos históricos escolares para a valorização e compreensão dos processos pedagógicos, chamando a atenção tanto para a necessidade de esses arquivos serem mantidos na própria escola, quanto para a necessidade de a escola utilizar seus documentos abrindo seu acervo para a comunidade de pesquisadores.

Vidal (2007) – que investigou o cotidiano do Instituto de Educação do Rio de Janeiro – preocupa-se com a utilização e valorização de documentos mantidos pelas escolas como fontes históricas. A autora também desenvolveu, durante quatro anos e com a ajuda de professores, alunos e administradores da escola, o projeto *Preservando a memória do Ensino Público paulista: a Escola de Aplicação (FEUSP), 1959-1999*. Neste estudo, os alunos envolveram-se em todas as etapas (tomados os devidos cuidados quanto a documentos de acesso restrito). Nos termos de Vidal, tal como historiadores, os alunos trabalhavam em sala de aula recriando a história da escola e da comunidade com base nos documentos escolares. O exercício de organização do arquivo escolar, compartilhado por professores e alunos, mobilizou a comunidade escolar a doar documentos para o acervo, estruturando o Centro de Memória da Escola de Aplicação que, segundo a autora, foi nomeado pelos alunos como Memo:

O Memo efetuava, assim, a síntese de dois movimentos simultâneos e convergentes: criava condições para a realização da pesquisa histórica em educação pela disponibilização de um farto conjunto documental a investigadores internos e externos à instituição escolar (respeitando-se as condições inerentes a um espaço de frequência de alunos e aos critérios da gestão administrativa da documentação); e permitia que alunos e professores se assenhoreassem do papel dos construtores e conservadores da memória educacional. (VIDAL, 2007, p. 63).

Considerando sua experiência, a autora elenca quatro temas centrais à pesquisa com acervos escolares: a relação entre arquivos corrente e permanente, a natureza do documento em educação, a problemática do descarte e a finalidade de preservar a documentação escolar.

Por um lado, os gestores da educação, segundo a autora, em sua grande maioria, tendem a se preocupar com o arquivo corrente (ou *vivo*), que tem importância mais funcional quanto às atividades burocráticas da instituição de ensino. Por outro lado, há as queixas de pesquisadores em história da educação quanto ao descaso das escolas com seus documentos antigos (o arquivo *morto*) que não têm mais valor legal nem são úteis burocraticamente. Neste impasse entre importância e negligência, entre os arquivos ativo e inativo, a *solução* proposta pela autora envolve a possibilidade de um trabalho conjunto entre as secretarias de escolas, arquivistas e historiadores para que nem o descarte crie as lacunas das quais os pesquisadores se queixam, nem fique a escola inoperante tendo em vista o pouco espaço e a demanda crescente de documentos. Propõe, ainda, uma reflexão acerca da noção de documento escolar e um consequente encaminhamento de ideias sobre o que preservar e o que descartar:

[...] é imprescindível um diálogo constante entre arquivistas, educadores e historiadores da educação na criação dos instrumentos de destinação, na implementação do trabalho e na avaliação (contínua) da sistemática instaurada. É fundamental também a contratação e formação de funcionários que possam atuar de maneira especializada na gestão documental. Por fim, é imprescindível que as ações não se restrinjam ao âmbito administrativo, mas que acolham e estimulem a participação de toda a comunidade escolar com o fito de conferir significado social à atividade. Afinal, todo esse movimento só se justifica porque se sustenta na proposta de preservação da memória e de fortalecimento da cidadania por parte dos sujeitos da educação escolar. (VIDAL, 2007, p.65-6).

Segundo a pesquisadora, é muito mais fácil encontrar, em arquivos escolares, documentos relativos às atividades administrativas do que indícios acerca dos processos de ensino e aprendizagem. Embora alguns desses últimos documentos sejam (pouco) encontrados, a autora assinala para uma “[...] espécie de hierarquia [que] orienta o processo: são ainda mais dificilmente localizáveis os registros efetuados por alunos do que os feitos por professores” (VIDAL, 2007, p. 66). Se a escola tem sua história estruturada por meio de registros escritos, as relações pedagógicas efetivam-se mais marcadamente pela oralidade, que enreda as tramas do cotidiano. Embora não esteja argumentando pelo aumento da massa documental sob a guarda da escola, a autora alerta quanto à “[...] necessidade de um olhar mais atento para a dimensão da oralidade na constituição dos fazeres escolares e, nessa medida, para o exercício do arquivamento” (VIDAL, 2007, p. 67).

Além dos registros escritos e orais, há ainda os recursos materiais, como os lápis de pedra, o mata-borrão, as lousas de uso individual, dentre outros – a cultura material escolar que, segundo Vidal (2007, p. 68), “[...] nos permite conhecer as estratégias de conformação da corporeidade dos sujeitos impostas pelos mecanismos do poder. Ao mesmo tempo [em que] pode trazer elementos para a percepção de táticas de subversão inventadas por alunos e professores”. Assim, o que e como preservar e descartar?

A proposta seria que, a partir de negociações entre historiadores, arquivistas, educadores e gerenciadores, a escola pudesse, em contato com museus escolares e centros de documentação e de memória, disponibilizar seu acervo ou criar condições para mantê-lo envolvendo o micro (as ações individuais de docentes, discentes...) e o macro (o poder público) na problemática do descarte. O acúmulo de documentação escrita ocorre não apenas devido à produção contínua, mas também devido às modernas técnicas de preservação documental que garantem uma *vida útil* bem maior aos documentos antigos.

A digitalização, por exemplo, poderia ampliar as possibilidades de acesso aos acervos. Entretanto, esses processos são rapidamente superados, e a necessidade de atualização de um equipamento, processo ou *software* por outro, pode gerar uma tarefa complementar e infundável a ser desempenhada por *escribas eletrônicos*. Mas é impossível recusar os avanços tecnológicos, pois, para além de seu crescimento acelerado, “[...] a linguagem digital tem permitido a construção de outras práticas de escrita e leitura, que oferecem maneiras novas de organizar, hierarquizar e distribuir a informação e combinações de estímulos visuais e sonoros impensáveis para o suporte papel” (VIDAL, 2007, p. 36).

Segundo Vidal (2000), é necessário, pois, um diálogo com a Arquivologia que tem procedimentos a partir dos quais um documento é avaliado segundo sua importância burocrática e legal, e poderia regular a manutenção e o descarte de fontes. De acordo com a autora, preservar documentos não significa guardá-los todos, mas cuidar de avaliá-los, descartando o “[...] desnecessário e criando condições mínimas de sobrevivência do suporte físico (materialidade) e da informação do documento”. (VIDAL, 2000, p. 39). Isso envolveria certo conhecimento sobre técnicas de higiene, registro, organização e acondicionamento.

No caso do Grupo Escolar Eliazar Braga, o acervo trabalhado foi selecionado de um corpo bastante grande, ainda que homogêneo, pois no porão do antigo prédio havia documentos de 1920 até os dias atuais. Nosso trabalho – que, reiteramos, não envolvia somente o estudo do acervo para construção de versões históricas daquele Grupo Escolar, mas também um processo de organização/recuperação do acervo que, como ficou evidente, era um dos interesses centrais dos nossos parceiros de pesquisa no município – cuidou de separar desse corpo documental apenas os registros referentes ao período de vigência do Grupo Escolar, ou seja, os anos de 1920 a 1975.

A preocupação com o processo de higienização, recuperação (segundo as possibilidades técnicas e econômicas dos envolvidos), organização, cadastramento e estudo desse acervo (com cerca de 900 documentos) implicou parcerias com a Escola Municipal Eliazar Braga, as secretarias de Educação e Cultura de Pederneiras/SP, o CNPq, os alunos do IC-GHOEM – que tiveram as primeiras fases de suas pesquisas de Iniciação Científica vinculadas a esse processo – e a Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru – que nos cedeu uma sala climatizada para alocação e recuperação do acervo. O trabalho de higienização, recuperação e organização dos documentos seguiu as orientações do manual de Baeza (2003), escolhido por ser de fácil acesso (é disponibilizado em site oficial do Instituto Mario Covas) e conter indicações simples, claras e exequíveis, características que visam a facilitar a consulta por parte dos responsáveis pelo arquivo. O arquivo esteve alocado na UNESP, sob nossa responsabilidade, de abril de 2007 a setembro de 2009, gerando vários estudos ligados à dinâmica escolar do Grupo Eliazar Braga.⁶

A pesquisa de Kakoï (2009) tratou da elaboração de um catálogo contendo um mapeamento dos conteúdos de cada um dos documentos do acervo, visando a facilitar a consulta ao material recuperado. Foram resumidos todos os Livros de Atas (de exame, de reuniões pedagógicas, da Caixa Escolar, dentre outras) do Arquivo, bem como a localização de cada volume no conjunto, além de uma explicação geral da natureza, função, características e condições de cada documento. Este catálogo visa a dar maior acessibilidade aos documentos do acervo, garantindo facilidade e orientação na busca de moradores e pesquisadores interessados. Os trabalhos de Batagello (2008) e Menezes (2008) dedicaram-se, além da organização e cuidados com o arquivo, a um processo de ampliação das fontes disponíveis. Batagello (2008) estudou as fotos e jornais do Grupo Escolar Eliazar Braga (fontes divulgadas para que o Grupo *falasse de si*, compondo a imagem que seus atores gostariam que fosse dele divulgada), realizando um levantamento desses documentos na Escola Municipal Eliazar Braga, na imprensa da cidade e na Secretaria de Educação e Cultura do município de Pederneiras. Menezes (2008), em seu projeto com os alunos dessa escola municipal (a ser considerado mais adiante), mobilizou as crianças na busca por documentos (cadernos, livros, fotos, entre outros) junto a seus familiares e vizinhos.

6 O acervo das escolas isoladas (núcleos escolares – usualmente rurais – vinculados administrativamente ao Grupo Escolar) não foi considerado nesta pesquisa, mas foi também removido e mantido na UNESP de 2007 a 2011, quando, também recuperado e parcialmente analisado em outros trabalhos de Iniciação Científica, foi devolvido ao município de Pederneiras.

Esses esforços, coligidos e analisados em trabalho de doutorado (SOUZA, 2011), promoveram uma mobilização de meios de comunicação (jornais e rádios locais e regionais) para que, junto à comunidade, pudessem ser resgatados outros documentos e, também, para que os temas *Grupo Escolar, documentos, história* pudessem ser (res)significados por essa comunidade.

Neves e Martins (2008) evidenciam a relevância do envolvimento das pessoas da escola no trabalho com o arquivo. Ainda que tenhamos pretendido envolver toda a comunidade do município, a mobilização mais efetiva deu-se com personagens mais próximas – no passado e no presente – ao cotidiano escolar daquela instituição. Na atual Escola Municipal Eliazar Braga – que ocupa o antigo prédio do Grupo – nossas intervenções junto a professores e alunos tiveram como objetivo tanto a valorização e a preservação de documentos quanto a problematização do ambiente escolar em um contexto histórico.

Essa mobilização de um coletivo nem sempre familiarizado com as instâncias de pesquisa foi, desde o princípio, julgada fundamental à nossa proposta. Se dela os resultados materiais foram poucos,⁷ não foi desprezível a movimentação de toda a cidade em torno do projeto que parece ter colocado, pelo menos durante o período de intervenção, o Grupo Escolar e sua história na ordem do dia nas rodas de conversa.

Vários foram os casos em que entrevistados lamentavam o fato de ter se desfeito de documentos pensando que estes não teriam mais valor algum. Nesse sentido, os objetivos das campanhas no município, acima citados, são avaliados positivamente.

Esse despertar para a importância e necessidade de preservação de documentos é lembrado por Simson e Giglio:

[...] ao permitir a reconstrução de aspectos do passado recente, o trabalho com a memória também possibilita uma transformação da consciência à própria documentação histórica (ampliando essa noção que abarca, agora, os mais diversos suportes: textos, objetos, imagens fotográficas, músicas, lugares, sabores, cheiros), compreendendo seu valor na vida local, pensando maneiras de recuperá-la e conservá-la. (2001, p. 160).

A pesquisa relatada neste artigo não envolveu apenas o trabalho de higienização/recuperação/organização/catalogação, mas além desse trabalho *técnico* de

7 Da comunidade vieram (como empréstimo, para cópia) livros das décadas de 1950 e 1960, fotografias, cadernetas, um documento de admissão, cartas, jornais, uma certidão de batismo e um diploma, e, como doação, Enciclopédias de Ciências e Tecnologia (da década de 1960) e três livros (das décadas de 1910 e 1930).

recuperação dos materiais e da elaboração de etiquetas e listas classificativas e explicativas, desenvolveu-se um estudo da dinâmica escolar e do ensino de matemática⁸ naquela instituição. Para este estudo foram considerados registros (muitos deles disponíveis no acervo recuperado) nos quais surgem resíduos, por exemplo, a) da relação entre diretor, professores e supervisão de ensino, b) de discussões sobre problemas de evasão, c) da mobilização de metodologias de ensino consideradas diferenciadas – dentre as quais ressaltamos os movimentos da Escola Nova e da Matemática Moderna –, e d) dos livros adotados etc.

História oral: possibilidades

A história oral (MEIHY, 2002; GARNICA, 2004) é uma metodologia de pesquisa que articula uma fundamentação teórica ligada às perspectivas da Nova História (LE GOFF, 2001; BURKE, 2005) e às teorias, em Educação e Educação Matemática, sobre produção de significados e narrativas, passando pela preocupação com os procedimentos de preparo, gravação e construção de narrativas históricas. Essa articulação é feita com a intenção de produzir fontes a serem disponibilizadas de forma a fomentarem outras pesquisas.

O preparo para a elaboração de um documento a partir do registro da oralidade envolve cuidados quanto ao contato com o outro, quanto à composição de roteiros para guiar entrevistas e quanto à escolha dos equipamentos a serem mobilizados no processo de registro.

É já no delineamento do objetivo de pesquisa e na elaboração do roteiro de entrevista (em que se busca a articulação coerente entre esse objetivo e abordagem ao depoente) que a pesquisa começa a se estruturar a partir de uma das duas tendências de trabalho em história oral, quais sejam, histórias de vida ou histórias temáticas. O trabalho com história de vida gera roteiros mais abertos e amplos que orientam o interlocutor a caminhar por suas experiências, narrando-as ou a si mesmo frente a elas.⁹ É do relato de sua vida

8 Sabe-se que as escolas de primeiras letras do passado tinham como função precípua a alfabetização, o cuidado com as questões relativas à higiene e o desenvolvimento de noções gerais de moral e civismo. O ensino de matemática, nesse cenário, embora não fosse negligenciado, não tinha papel de protagonista. Ainda assim, dentre as tantas perspectivas possíveis, julgamos pertinente – dada nossa área de pesquisa, a Educação Matemática – ressaltar aspectos relativos ao ensino de matemática (o elemento *contar* da tríade escrever-ler-continuar), mesmo sabendo que *recortar* a matemática deste cenário é uma opção arriscada e *artificial*.

9 A narrativa de algo e a narrativa de si têm pontos de aproximação viscerais, tratados teoricamente pelos oralistas e pesquisadores de áreas correlatas.

que emergirão as considerações do pesquisador sobre a questão investigada. O trabalho com história oral temática gera roteiros menos abertos que guiam o interlocutor em direção ao tema abordado ou às suas cercanias mais próximas. Neste caso, o papel do roteiro é o de cuidar para que o depoente não se afaste demais, nem deixe de abordar questões julgadas relevantes ao estudo.

Em ambos os casos, os roteiros abordam uma primeira questão mais ampla com o intuito de disparar um movimento dialógico entre entrevistador e entrevistado. Nesse movimento, entretanto, a voz do depoente deve ser privilegiada tanto nos temas que são abordados quanto no modo como esses temas vêm à cena, já que o modo de narrar constitui a narrativa.

Os equipamentos para gravação (utilizados se/quando autorizados pelos depoentes) visam à produção de uma primeira gama de documentos: os orais e os imagéticos, a partir dos quais outros (as transcrições e suas edições, como as textualizações, por exemplo) serão produzidos pelo pesquisador.

As transcrições são pretensamente literais; nelas são preservados os vícios de linguagem, as pausas, interrupções, a ordem em que as questões são colocadas ou consideradas. É, portanto, um processo de degravação. As textualizações são edições das gravações ou das transcrições. Nestas, a preocupação centra-se na construção de uma narrativa mais fluente: é a ação (do pesquisador) de contar o momento da entrevista, a narrativa ouvida. É, já, a continuidade da narração, como indica Walter Benjamin. Vícios de linguagem são filtrados, ideias são reorganizadas e, em alguns casos, reordenadas para comunicar o entendido pelo pesquisador.

A clara visão deste processo leva os pesquisadores que trabalham com essa metodologia a um cuidado também intencional: a negociação entre os significados do entrevistado e do entrevistador, de forma a tornar a produção deste último aceita como uma leitura possível do que o primeiro diria.

Essa negociação é regida por um princípio ético: o entrevistado deve reconhecer a narrativa construída pelo pesquisador (que já é um primeiro exercício de análise) como uma leitura plausível de seus dizeres e, de forma alguma, como uma tentativa (assumidamente impossível) de reproduzir o que este *realmente disse*.

Posto que o funcionamento da escola e suas tramas administrativas cotidianas articulam-se principalmente a partir das fontes escritas, mas que, via de regra, as práticas pedagógicas, as subversões e as relações que se estabelecem na instituição escolar efetivam-se pela oralidade (VIDAL, 2006), articulamos nossa proposta de resgate do *arquivo morto* do Grupo Escolar Eliazar Braga à proposta de complementação a esse acervo recuperado. Trata-se, portanto, de estender essa pesquisa abordando, além da higienização e sistematização das fontes escritas, a elaboração de novas fontes a partir da oralidade.

Para a investigação que sustenta este nosso relato foram selecionados dez interlocutores cujos nomes ou foram encontrados nas atas pedagógicas estudadas no arquivo do Grupo Escolar Eliazar Braga, ou foram indicados por pessoas já entrevistadas (critério de rede).

O critério de rede, em que um depoente indica outro que, por sua vez, indica outro, e assim sucessivamente, tem-se mostrado um excelente meio de trabalhar com vidas entrelaçadas em diferentes espaços e tempos.

Foram nossos depoentes uma ex-diretora (nascida em 1920), e seis ex-professoras (nascidas em 1919, 1921, 1927, 1930, 1937 e 1938), dois ex-alunos (nascidos em 1936 e 1946, ambos com vinculação à diretoria do Grupo)¹⁰ e um membro da comunidade interessado no resgate de documentação e outras informações acerca da história da cidade.

Observou-se, durante essa investigação, a disposição para o narrar-se que quase se contradizia, inicialmente, com a dúvida sobre com o que poderiam efetivamente contribuir. Esta dúvida mostrou-se em vários depoimentos e parece estar vinculada ao esquecimento, à inexistência de documentos à mão que pudessem relatar *com mais fidedignidade* o acontecido à época de funcionamento da instituição (1920-1975). Alguns depoentes mostravam-se espantados com sua lembrança acerca das práticas do Grupo Escolar Eliazar Braga e divertiam-se com alguns episódios lembrados. Em todas as entrevistas, percebe-se a busca pela dimensão do ser, do falar de si.

Considerando o anúncio feito por Benjamin (1994) acerca do fim da narrativa, pode-se pensar em uma aproximação com a ideia, aqui defendida, quanto à transformação das narrativas (formas, conteúdos, meios) a partir da leitura de Galzerani. Esta autora afirma que, para Benjamin:

[...] estamos enredados por uma dimensão social que esvazia a dimensão temporal, que estilha as relações sociais, que dilapida as significações e a memória. Porém, ao mesmo tempo, como marxista dialético, explícita, através de suas elaborações históricas, relativas também a si mesmo, que somos sujeitos. Que somos capazes de produzirmos, por exemplo, rememorações, ressignificando, alterando os rumos da nossa própria história, na relação com outras histórias. Concebe, pois, a modernidade como drama, como ruína, mas, ao mesmo tempo, deixa brechas para

10 Um desses ex-alunos é filho de um dos antigos diretores do Grupo Escolar e a outra ex-aluna foi, em tempos mais recentes, diretora da mesma instituição.

que visualizemos o mundo moderno como prenhe de potencialidades de ‘salvação’, ou de construção de ‘novas’ práticas sociais. (2005, p. 6-7).

Atendendo à perspectiva de que o indivíduo singulariza o universal, a prática durante as entrevistas foi a de rememorar diferentes relações espaço-temporais em que cada entrevistado se narra em sua relação com o outro. Trata-se de uma releitura do eu, do outro, do nós, tornando evidente como o tempo presente marca e dá ênfase às relações do passado. Cabe ressaltar, entretanto, que ao contar o que, num dado momento, foi ouvido, não se está mais falando do outro que nos falava inicialmente: fala-se, agora, de si próprio. Este *falar de si*, por sua vez, não tem a pretensão de buscar uma aproximação congenial com o primeiro narrador.

Falar sobre as coisas não é ensinar sobre elas, mas aprender. Assim, aquele que deseja intervir no processo de aprendizagem do outro deve, antes, escutar. Quando o outro fala a mim, aprende sobre si mesmo, assim como aprendo sobre mim quando narro minhas experiências pessoais, de trabalho, de pesquisa, quando narro as coisas que ouvi, ingredientes que operam para que eu me constitua no que sou.

A *constituição histórica do indivíduo* concretiza-se em um processo contínuo que, em geral, tem como extremos a infância e a velhice. Extremos que, respectivamente, evidenciam a proximidade com o nascimento e a morte.

Considerando que o estudo realizado sobre o Grupo Escolar Eliazar Braga é, em realidade, um estudo acerca de discursos sobre as práticas de ensino realizadas com crianças; considerando o trabalho realizado junto aos atuais alunos da Escola Municipal Eliazar Braga (de primeiro ao quinto ano da educação básica) para constituição de versões históricas sobre a instituição em que estudam e, finalmente; considerando que, em ambos os estudos, os principais interlocutores foram antigos atores que ocuparam a cena naquele Grupo Escolar, julga-se importante um recorte, ainda que inicial e introdutório, aos temas *infância e velhice*, com o intuito de compreender possibilidades outras de afecção da pesquisa científica e ressaltar a importância de, ao mobilizar a história oral, estarmos sensíveis a essas dimensões do humano.

Primeiro Recorte: da infância

Ribeiro (1997) afirma que a ideia de *criança* é fruto de certas relações sociais e históricas, defendendo a infantilização de súditos como um dos traços mais marcantes dos poderes não democráticos. Ao considerar como não democráticos os poderes que se valem da infantilização, o autor conclui que qualquer poder democrático deve considerar seus cidadãos como adultos.

Ribeiro atribui a Philippe Ariès uma revolução na percepção do que é e do que foi a infância, e tece considerações como a de que o amor aos filhos não era óbvio ou natural até o século XVII (dando indícios de que as crianças eram tratadas com descaso ou como miniaturas de adultos, oscilando entre o mundo dos adultos e o dos animais). Apenas no século XVIII passa a existir um mundo próprio e autônomo da infância, surgindo o afeto¹¹ pelas crianças, agora reconhecidas como possuidoras de mentes distintas das dos adultos. Mas a história é feita em meio a mudanças e permanências:

[...] desde o século XVII, a criança começa a existir como objeto próprio de conhecimento e afeto. Mas nem por isso sai de cena a velha redução dos adultos a crianças, na relação com o governante. Ao contrário, a infantilização dos adultos até mesmo se reforça, e o príncipe alega, até o século XIX e em certos casos ainda hoje, deter a sabedoria e o saber necessários ao cuidado com os pouco racionais, isto é: nós, que não temos o poder. Uma equação assim identifica a pouca ou nenhuma razão, distintiva da criança, da mulher e do insano, com a subordinação política. De certa forma, todo súdito é reduzido a criança, a mulher, a doido ou imbecil. (1997. p. 103-104).

Segundo o mesmo autor, essa redução pode apresentar-se de duas formas: como privação (em regimes conhecidos como despóticos, nos quais o súdito é representado pela figura do escravo) ou como infantilização (como na monarquia absoluta, quando o súdito representa-se e é representado pela figura do filho). Essa distinção faz emergir uma mudança de foco no discurso fundante das práticas: embora o poder sobre um ou outro seja ilimitado, no primeiro caso o poder é apresentado em prol do senhor; no segundo, visando ao bem do filho. Essa diferenciação é essencial para compreender as justificações e a eficácia de governos.

Leite, em seus estudos acerca das relações entre a criança, a linguagem e a escola, aponta para as ações comuns frente à infância, afirmando que “[...] se por um lado certas atitudes convergem com uma visão naturalista e universal sobre a infância em que a criança é um ser passivo, que não é, mas será; por outro lado, tratamos as crianças como seres povoados de questões do mundo adulto” (2007, p. 26). Isto porque os estudos sobre a criança têm se pautado na ideia de infância como *in-fans*, ou seja, aquele *que não fala, que não possui a razão*.

11 Um afeto que passa a ser apresentado, historicamente, como dever.

Galzerani, ao descrever um breve cenário sobre a infância, refere-se a um modelo que, segundo ela, ainda hoje é dominante em termos de educação:

Refiro-me à visão de criança como território do perigo, como território da ‘não-linguagem’, da ‘não-razão’, como *locus* do pecado, construção imagética fortemente presente ainda hoje em nossas sensibilidades. A própria acepção terminológica latina de ‘infância’, vem de *in-fans*, que significa sem linguagem. No interior da tradição metafísica ocidental, não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade. Neste sentido, a criança é focalizada como alguém menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, a ser educado. Alguém que na concepção de Santo Agostinho, é pecaminoso, que provém do pecado – pecado da união dos pais – e que em si mesmo deve ser considerado pecaminoso pelos seus desejos libidinosos. Para Santo Agostinho, pois, a racionalidade, como dom divino não pertence à criança. (2005, p. 12, grifos da autora).

Nesse cenário, Leite (2007) sugere que não se pense as crianças como isoladas do/no mundo, mas que sejam percebidas (e, na perspectiva defendida nesse trabalho, consigam se perceber) em seus momentos históricos e culturais. Essa visão de si e do mundo foi, segundo as possibilidades da pesquisa que relatamos neste texto, trabalhada a partir do projeto desenvolvido por Menezes, *A História Oral na formação do indivíduo como ser histórico*.

Este trabalho, desenvolvido junto a crianças da Escola Municipal Eliazar Braga, buscou discutir a historicidade de espaços, objetos e pessoas a partir de sua realidade escolar. Os 47 alunos (de sete a dez anos) participantes do projeto engajaram-se em ações de (re)conhecimento do prédio em que estudam e, ao serem apresentados a fotos de antigos alunos, professores e salas de aula, foram orientados a estruturar suas curiosidades num roteiro de busca. A oralidade foi apresentada como um recurso importante na construção e narração de versões históricas que, neste caso, tornou possível o envolvimento daqueles que ainda não têm o domínio da escrita.

Assim, após discutir as potencialidades das ações de ouvir e contar histórias, as crianças dedicaram-se a explorar seus roteiros em entrevistas com parentes e vizinhos. Todas as descobertas eram compartilhadas em sala, junto aos colegas, e registradas em vídeo. Dessa forma, o espaço da fala e, conseqüentemente, da escuta acenou para a importância de incentivar uma postura investigativa que leva essas crianças à valorização de registros, à percepção dos mais velhos como conhecedores de histórias de tempos distintos e, principalmente, à percepção de si próprias como participantes e potenciais contadores de histórias.

Resultou deste trabalho um conjunto de narrativas que, produzidas pelas crianças, abordam questões centrais a diversos estudos em História da Educação, como as classes multisseriadas; as diferenciações de gênero; o papel dos uniformes no correr do tempo; a estrutura escolar; a assistência e o assistencialismo no ambiente escolar, aspectos da materialidade escolar que se manifestam, por exemplo, em instrumentos (como o mata-borrão) e em modos de praticar o espaço (como o estilo das carteiras duplas e os relógios presentes em cada sala); as diferenciações entre a escolaridade (e os contextos) urbana e rural, dentre outros.

Segundo Recorte: da velhice

A figura do idoso, por muito tempo, esteve atrelada ao conhecimento. Idade e sabedoria, para algumas comunidades e em algumas épocas, caminham juntas. A constatação de alterações neste cenário tem alimentado a perspectiva de alguns sociólogos acerca do afastamento e da desvalorização dos idosos perante a ampla gama de informações de que dispomos atualmente. Norbert Elias (2001), ao discutir a solidão dos doentes, o envelhecimento e a morte, tem por objetivo complementar diagnósticos médicos com um diagnóstico sociológico que foca o perigo do isolamento de velhos e moribundos. Para Elias, a velhice vincula-se à experiência da morte, e a forma de lidar com essas questões é determinada culturalmente:

Em nenhuma outra espécie essa sintonia com a vida coletiva teve tão profunda influência sobre a forma e desenvolvimento do indivíduo como na espécie humana. Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. Ela é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida. (ELIAS, 2001, p. 11).

Elias afirma que, se comparada à antiguidade, nossa identificação com outras pessoas (seus sofrimentos e morte) aumentou. Apesar dessa maior proximidade com o outro, o autor ressalta a dificuldade das pessoas em identificar-se com velhos e moribundos. “O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades” (2001, p. 8). Mas não é a morte, e sim o saber-se mortal, a fonte de problema para os humanos. O homem seria o único animal que sabe que vai morrer e, apesar e contra isso, toma providências para proteger-se, envolve-se de cuidados especiais, organizando-se em grupos que se colocam contra outros grupos buscando, em alguns casos, destruir para não ser destruído.

Para Elias (2001), um dos problemas mais gerais de nossa época é:

[...] nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a idéia de sua própria morte. (p. 16-17).

Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são empurrados para os bastidores, são isolados. (p. 19).

Desse modo, defende que características específicas das sociedades – como a ideia da *perspectiva de vida* e a (des)naturalização da morte, por exemplo – delimitam a imagem que se tem da morte.

Observando o esboço feito por Patrocínio e Gatti (2006) sobre grupos de representações sociais acerca da velhice, é possível identificar relações muito próximas às representações de morte. Há uma confluência entre o que nos apresentam estas autoras, Berzins e Mercadante (2006) e o próprio Elias (2001): todos preocupam-se com o isolamento que muitas vezes marca a velhice, e todos cuidam das direções possíveis para evitá-la pois “[...] seria incorreto falar de rejeição e reserva, induzidas pela civilização, dos vivos em relação aos moribundos em sociedades como a nossa sem indicar ao mesmo tempo o possível embaraço e reserva dos próprios moribundos em relação aos vivos” (ELIAS, 2001, p. 68).

A solidão, comum em grupos de idosos, é lembrada por Elias (2001) e abordada por Berzins e Mercadante (2006) como consequência de abandono. Para Elias, a ideia de solidão pode estar vinculada à perspectiva de que a morte é uma experiência não compartilhável, ao sentimento de que as memórias exclusivas desapareceriam para sempre, ou ao sentimento de desconexão total em relação a pessoas e sentimentos importantes.

A importância da narrativa como fator de inclusão para o idoso, por sua vez, é ressaltada no trabalho de Moreira e Simson:

A participação de idosos no processo de reconstrução histórica através de rememoração não só traz à pesquisa uma colaboração preciosa, como beneficia o próprio recordador.

O velho recordador passa a ser visto de forma diferenciada pela comunidade envolvida, uma vez que seu saber é valorizado, a sua memória referendada, possibilitando o importante papel de informante abalizado daquela comunidade. (2006, p. 173).

Cabe ressaltar que não se pretende propor aqui que a pesquisa que opte por mobilizar depoimentos de velhos deva construir laços de amizade ou pseudo-parentesco. A intenção em propor essa discussão é alertar para que o momento de *coleta de dados*, tão tecnicamente descrito nas pesquisas, produz percepções e tem (ou pode ter) significados específicos para o interlocutor que não podem ser negligenciados pelo pesquisador. A velhice e a morte, certamente, estão entre os temas que, como presença ou discreta ausência, sempre circula durante as entrevistas com idosos.

O entrevistado envolve-se durante o depoimento mediante a percepção da atenção e respeito destinada às suas vivências, às suas considerações sobre o tema abordado. É extremamente interessante observar como a insegurança inicial, o *eu não tenho nada a dizer*, transforma-se durante a entrevista e, em alguns casos, na leitura da textualização pelo depoente.

Galzerani, em um estudo sobre infância e produção de conhecimento em Walter Benjamin, afirma:

Rememorar para Benjamin significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro. Ao contrário do mergulho numa espécie de devaneio complacente e infinito do qual o sujeito não mais quer emergir, o autor da 'Infância em Berlim', nos propõe a noção do 'despertar'. (2005, p. 12-13, grifos da autora).

Simson e Giglio são pesquisadoras que discutem o trabalho realizado com história oral junto a idosos, relatando procedimentos, casos e consequências desse envolvimento. Afirmam que, ao usar a história oral (ou o método biográfico), buscam compreender e registrar visões de mundo elaboradas em diferentes grupos sociais. Dessa forma, não trabalham com testemunhos únicos, optando pela criação de uma rede de informantes. Segundo essas sociólogas, as experiências têm mostrado que, além da contribuição dada à pesquisa por pessoas com mais idade, estas “[...] beneficiam-se psicológica e socialmente ao desempenhar o papel de informantes” (2001, p.143).

As pesquisadoras ressaltam ainda que, quando um membro mais velho da comunidade é convidado por pesquisadores para relatar sua história de vida, seu *status* é reforçado na comunidade local, na família. Segundo elas, como a metodologia da história oral tem se difundido em diversas regiões do mundo, grupos de pessoas idosas têm, por iniciativa própria, realizado trabalhos de registro de sua história local “[...] pelo simples prazer de recordar o passado e trocar experiências, sentimentos e reminiscências, movidos pela consciência de que têm uma mensagem a ser registrada para as gerações futuras” (SIMSON; GIGLIO, 2001, p. 147). As autoras afirmam, ainda, que não somente as informações que o pesquisador já possuía por outros meios podem ser enriquecidas, como também o narrador pode gerar novas dimensões às quais não teria acesso caso não tivesse a oportunidade de revisitar seu passado junto a alguém interessado na reconstrução a ser feita.

Simson e Giglio alertam, ainda, para o papel decisivo deste trabalho, pois se as informações fornecidas pelos idosos forem integradas de forma a evidenciar as contribuições de cada depoente para uma certa construção histórica (da vida de um indivíduo, de uma instituição), o idoso pode ser levado a perceber aspectos de sua função social como membro de um grupo, o que traria “[...] novos significados ao seu percurso em direção à maturidade” (2001, p. 147).

Dessa forma, o trabalho com história oral, ao buscar narrativas singulares sobre experiências de vida, pode contribuir para que esta *reconstrução/invenção* do passado seja um meio de estimular o autoconhecimento (posto que o ser humano se constitui para si, no momento em que se narra, na relação com o outro), ao permitir que o depoente rememore relações sociais já esmaecidas e evidencie seu espaço, num determinado grupo social, como fonte de conhecimento. Essa característica de mobilização da oralidade em trabalhos acadêmicos pode implicar o abrandamento do processo de marginalização que marca profundamente a sociedade, tendo em vista que o isolamento não intencional como fuga da imagem daquilo que não quero ser ou daquilo de que não quero me aproximar (como a morte), segundo Elias, é compreendido, podendo ser transcendido ou, ao menos, tematizado conscientemente.

Assim, as entrevistas têm assumido um papel fundamental: o de mobilizar lembranças que não têm mais sido divulgadas nem mesmo no interior do núcleo familiar. A interlocução com antigos profissionais da educação tem se colocado como um momento privilegiado de escuta e aprendizado, e pessoas que não veem importância em seus relatos, que não têm o hábito de narrarem-se, acabam colocando-se nessa experiência quando seus depoimentos são vistos como essenciais à construção de algo.

O envolvimento dos depoentes dessa pesquisa durante o processo investigativo foi de fundamental importância, pois, além de permitir compreensões acerca do ensino (de matemática) e da dinâmica escolar *geral* do Grupo Eliazar Braga,

possibilitou a criação de uma rede de discursos e de pessoas,¹² e na movimentação da comunidade daquela pequena cidade.¹³ Especificamente em relação às dinâmicas de organização e ensino, os entrevistados avaliaram negativamente os movimentos da Escola Nova e da Matemática Moderna, enfatizando terem mobilizado, sempre, métodos de ensino próprios e recursos didáticos clássicos (como quadro valor lugar, apelo ao concreto na confecção de ábacos, por exemplo), sem nunca descuidar da memorização da tabuada (que julgavam ser algo inegociável, próprio da função do professor, independentemente do que diziam sobre isso os parâmetros e tendências educacionais vigentes). Seus discursos, assim, atualizam (contrariando) alguns dos registros das antigas atas de reuniões pedagógicas, permitindo que os pesquisadores compreendessem os bastidores e as práticas de subversão que vigiram no Grupo Escolar Eliazar Braga.

Considerações de arremate

Esse texto, partindo do relato de uma trama metodológica específica, objetivou discutir aspectos e potencialidades de uma pesquisa científica que não se manteve apenas no domínio da academia e procurou transcender seus muros ao criar estratégias que envolveram a comunidade mais ampla – aquela que tornou a pesquisa possível, mas à qual, poucas vezes, a pesquisa retorna. Tentou-se, ainda, ao optar por discutir inicialmente o trabalho com arquivos escolares e com a oralidade, despertar no pesquisador uma certa sensibilidade em relação a aspectos dos *objetos* e procedimentos mobilizados, defendendo que é essencial cuidar das formas de aproximação com nossos colaboradores para que a técnica, a face procedimental que tem prevalecido na busca por informações relevantes às investigações, não camufle nem negligencie os modos como nossas pesquisas têm afetado nossos interlocutores, nós mesmos e a própria interlocução.

Desse modo, enfatizamos como fundamentais às pesquisas a parceria com instituições, meios de comunicação, órgãos de fomento e comunidade

-
- 12 Essa rede de relações interpessoais manifestou-se, por exemplo, nas entrevistas coletivas, assim organizadas pelos próprios depoentes sem o conhecimento prévio dos pesquisadores (algumas depoentes convidaram outras professoras, suas colegas de trabalho, para se reunirem a elas nesses encontros agendados com os pesquisadores).
 - 13 Essa mobilização da comunidade pode ser notada não só pelas mensagens e materiais que recebíamos das pessoas, mas também pela importância que os órgãos municipais explicitamente atribuíram ao nosso cuidado com o acervo que, depois de higienizado, sistematizado e estudado, foi por nós devolvido integralmente ao município.

escolar como as que tentamos registrar neste artigo. Nossa intenção é que outros pesquisadores – por meio não somente do resgate de documentos em acervos, mas também da criação de fontes – possam encontrar, neste texto, sugestões e fundamentos para um debate que se inicia e que, por isso mesmo, não pretendemos (nem poderíamos) concluir.

Referências

BAEZA, T. M. M. **Manual de trabalho em arquivos escolares**. Secretaria da Educação - São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.

BATAGELLO, L. B. **Grupo Escolar Eliazar Braga: uma história a partir de fotos e jornais**. 2008. 150 f. Monografia (Iniciação Científica em Educação Matemática) – Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BERZINS, M. A. V. da S.; MERCADANTE, E. F. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação. In: GUSMÃO, N. M. M. de; SIMSON, O. R. de M. Von. (Org.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006. p. 107-168.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundose seguido de envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C.; ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 77-98.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

- KAKÓI, M. E. **Um arquivo, uma instituição e suas práticas**: contribuição para a construção de versões históricas sobre Grupos Escolares. 350 f. 2009. Monografia (Iniciação Científica em Educação Matemática) – Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2009.
- LE GOFF, J. (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEITE, C. D. P. **Labirinto**: infância, linguagem e escola. Taubaté/SP: Cabral, 2007.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENEZES, V. L. **História oral na formação do indivíduo como ser histórico**. 2008. 249 f. Monografia (Iniciação Científica em Educação Matemática) – Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2008.
- MOREIRA, R.; SIMSON, O. R. de M. Von. Memória, loucura e velhice: os ganhos no processo de envelhecimento pós-reforma psiquiátrica. In: GUSMÃO, N. M. M. de; SIMSON, O. R. de M. Von. (Org.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006. p. 169-184.
- NEVES, R. X.; MARTINS, M. do C. Fontes de pesquisas escolares e a formação da memória educacional. In: ZAMBONI, E. et al. (Org.). **Histórias e memórias da escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- PATROCÍNIO, W. P.; GATTI, P. Envelhecimento, trabalho e educação: um estudo sobre cooperativas populares. In: GUSMÃO, N. M. M. de; SIMSON, O. R. de M. Von. (Org.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006. p. 75-105.
- RIBEIRO, R. J. O poder de infantilizar. In: GHIRALDELLI JR.(Org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: UFPR, 1997.
- SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Editores Associados, 2006a.
- _____. **O legado educacional do século XX**. Campinas: Editores Associados, 2006b.
- SIMSON, O. R. de M. Von.; GIGLIO, Z. G. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**. Campinas: Papirus, 2001. p. 141-160.
- SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar**. 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática)- UNESP de Rio Claro: São Paulo, 2011.

VIDAL, D. G. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. In: FARIA FILHO, L. M. de. **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: USF, 2000.

VIDAL, D. G. Por uma ampliação da noção de documento escolar. In: NASCIMENTO, M. I. N. et al. (Org.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

Recebimento em: 07/03/2012.

Aceite em: 12/11/2012.